

América Latina, representada por produtos diversificados, como celulose e papel, siderurgia a carvão vegetal, painéis reconstituídos, madeira sólida, móveis, cosméticos, resinas, óleos essenciais e muitos outros produtos presentes no cotidiano das pessoas. A cadeia produtiva das florestas plantadas ocupa lugar estratégico na economia do País. Em torno de 65% da nossa economia florestal – US\$ 21 bilhões / ano – depende exclusivamente das florestas plantadas. Isto significa 2,6% (US\$ 16,1 bilhões) do PIB Nacional; participação de 7% (US\$ 4,5 bilhões) nas exportações totais brasileiras; recolhimento anual de US\$ 3,5 bilhões em impostos aos cofres públicos e geração de superávit comercial de US\$ 3,5 bilhões / ano (equivalente a 15% do superávit total da balança comercial brasileira).

Com um patrimônio atual de 4,8 milhões de hectares de florestas plantadas, estima-se que são mantidas pelo setor produtivo, aproximadamente, 2,5 milhões de hectares de áreas de preservação permanente e de reserva florestal nativa em diferentes biomas. Cerca de 250 mil hectares de eucalipto e de pinus, plantados em pequenas e médias propriedades rurais, beneficiam milhares de famílias.

De outro lado, a instalação de uma ampla rede de pesquisas permitiu que o País alcançasse um patamar tecnológico capaz de dar sustentabilidade aos empreendimentos basea-

dos em florestas plantadas. Nos últimos 25 anos foram investidos centenas de milhões de dólares em experimentação e desenvolvimento tecnológico por meio de empresas e de parcerias com centros de pesquisas e universidades. Há alguns milhares de hectares experimentais com milhares de ensaios cadastrados e monitorados por centenas de pesquisadores. O Brasil possui o maior banco mundial de germoplasma de eucalipto e de pinus. Este esforço conjunto possibilitou aumentos expressivos na produtividade quantita-

*“A instalação de uma ampla rede de pesquisas permitiu que o País alcançasse um patamar tecnológico capaz de dar sustentabilidade aos empreendimentos baseados em florestas plantadas.”*

tiva e qualitativa das florestas plantadas. No caso do eucalipto passou de 10 m<sup>3</sup>/ha/ano em 1965 para valores de até 60 m<sup>3</sup>/ha/ano. Já é possível o uso múltiplo da madeira de eucalipto com maior valor agregado, e as melhorias tecnológicas da madeira permitem ganhos em processos industriais de 15 a 20%. Da mesma forma, a madeira de pinus também obteve ganhos em qualidade e em pro-

ductividade, passando de 15 m<sup>3</sup>/ha/ano para 35 m<sup>3</sup>/ha/ano. Isto explica, em grande parte, o fato da quantidade existente de área plantada não ter aumentado na mesma proporção da produção de madeira. Como consequência dos investimentos realizados em pesquisa, e dos elevados índices de produtividade alcançados, as florestas foram – e são – reformadas, empregando-se novas técnicas e novos materiais genéticos selecionados, na medida em que completam seus ciclos de vida útil. São avanços que, ao lado das condições favoráveis de mercado interno e externo, das condições naturais de clima e solo, da disponibilidade de mão-de-obra e de terras, se traduzem em vantagens comparativas em relação a outros países tradicionais produtores e fornecedores de produtos florestais, especialmente do hemisfério norte.

A ciência do solo aplicada às florestas plantadas tem sido elemento fundamental para garantir níveis de excelência para a nossa silvicultura. No tempo em que a metodologia para escolha das espécies / procedências, estabelecia o zoneamento climático do Brasil, provendo orientação para os reflorestamentos e subseqüentes programas de melhoramento genético, crescia a demanda por informações sobre a inter-relação solo-clima-planta. Nos anos 70, com a expansão das plantações florestais no sul e sudeste, nas regiões de cerrados de Minas Gerais e do Mato